



[RMXTXTURA]

Redes Locais
e Autonomia

Cidade; labirinto das mediações.

FERNANDO D' PÁDUA

Quem nunca se perdeu em um labirinto? Aqui e ali alguém se perde quando não se tem um mapa definido. Mas para que serve um mapa? De onde vêm os mapas? Quem os desenhou? Quem os programou? No grande labirinto, muita coisa se recombina na dinâmica dos encontros. Na efemeridade própria da duração dos acontecimentos em constante movimento. A cidade-labirinto, assim como a vida, é o que é por ser o que não é: um espaço fechado. Cidade como um labirinto elaborado para mediações variadas se transforma em uma dinâmica inversa, múltipla e rizomática por ser constituir no presente, no entre de uma coisa e outra. Assim, a ideia de cidade idealizada é posta a prova na contraposição das mimetizações presentes nos modos de operar, de ver e no agir coletivo próprio dos processos de condicionamento urbano; nas ilusões forjadas a ferro e fogo, compactas e incrustadas como verrugas sobre a pele da massa dispersa induzida pelo discurso oficial representadas nas mil estratégias de dominação das paixões e dos desejos para controle da subjetividade como prática de coerção do corpo. Palco material das disseminações de sentidos estetizados, produzidos pelo sistema de produção predominante para um melhor o controle social, ideológico, político e cultural das relações sociais. Amálgamas

atravessadas por práticas poe[lí]ticas¹ na dimensão ordinária da experiência estética; chapa de ferro, plásticos, arames e madeira fundidos aos suportes, conectadas aos costumes e tecnologias possíveis. Somente vivendo a cidade-real que encontraremos os motivos para não nos comportarmos como meros observadores passivos. Precisamos assumir a tarefa de desconstruir o que é posto como verdade absoluta, afirmando práticas libertárias e criativas. E para que isso ocorra, precisamos “descascar essa pupunha” de qualquer maneira, apropriando-se da cidade-labirinto como lugar favorável para provocar *situações* de forma irreverente e no jogo direto com as pessoas.

O relato a seguir faz parte de uma experiência de viagem à uma cidade-labirinto no meio da Amazônia paraense, onde é possível experimentar estes outros lugares, outras cidades, não-lugares.

¹ Prática rizomática para tratar sobre as questões ligadas ao funcionamento da cidade, no combate a lógica instaurada pelos discursos normativos sobre os aspectos que tratam da produção em *arte* em relação à cidade. O neologismo poe[lí]tica, foi elaborado por mim, durante o próprio fluxo das trocas em práticas autônomas de intervenção urbana, nas experiências em campo ampliado, observando e interagindo com as produções ordinárias e situações comuns próprias da cidade. (N.A)

AFUÁ, AROUIPÉLAGO DO MARAJÓ, PARÁ, JANEIRO DE 2011

Antes mesmo de conhecer a estrutura física da cidade do Afuá e experimentar sua dimensão psicogeográfica, escutei muitas histórias de pessoas oriundas desta cidade e também relatos de navegantes que encantados, descreveram algumas curiosidades que revelam características e peculiaridades relacionadas ao hábito cotidiano de pedalar sobre rodas em um labirinto erguido sobre palafitas. Afuá é conhecida por muitos como “Veneza da Amazônia” por conta de estar construída sobre as águas, e ser parecida, de longe, com a cidade Italiana. Comparação que não cabe aqui contestar, já que não conheço de fato esta outra cidade.

Afuá localiza-se no arquipélago do Marajó, no extremo norte do Estado do Pará, às margens do Rio Afuá com o Igarapé Jaranduba do rio Cajuá, já próximo ao Amapá, constituindo-se como uma *cidade ribeirinha* erguida sobre palafitas. Nessa viagem, foi preciso pegar um avião para Macapá, capital do Amapá, já que o trajeto pelo rio segundo alguns

viajantes se encontra muito perigoso em decorrência do grande índice de ação de *piratas* na região².

Já em Macapá, junto de minha companhia de viagem, pesquisas e da vida, Bruna Suelen, podemos perceber ao caminhar e pedalar pelas ruas desniveladas da cidade, muitas similaridades negativas em sua concepção espacial urbana, visto que todas são planejadas para o fluxo de veículos automotivos; sinais de trânsito por todos os lados, ausência de ciclovias, nomes de avenidas principais semelhantes as de outras cidades do Brasil e o típico comportamento agressivo praticado pelos motoristas de automóveis envoltos pelos simulacros da vida moderna.

Entre uma caminhada e outra à deriva pela cidade, nos deparávamos com estruturas inusitadas

² Os piratas utilizam embarcações como canoas a remos ou rabetas com motor de poupa adaptada estrutura da embarcação para um melhor fluxo nos rios e igarapés as regiões ribeirinhas, são comumente chamadas de montarias.

utilizadas como suporte para venda de produtos artesanais e industrializados traçando uma trajetória sinuosa cheia de molejo pelas margens das ruas. Estruturas que denomino conceitualmente de *feituras*, por tratar de objetos que demandam um saber ordinário elaborado empiricamente. Estruturas móveis/movíveis elaboradas em serralherias utilizando material residual, caracterizadas comumente por estar sempre em processo de “atualização”, reformulação.



Prestação – Macapá, 2011.

Percebendo a existência de tantas *feituras* que utilizam dessas tecnologias para ganhar a vida, busquei conhecer alguns serralheiros da região para saber um pouco mais sobre seus processos criativos. Fiz logo amizade com Seu Zé, nordestino imigrante que fora para Macapá na década de 80, por conta das promessas da *cidade morena* em pleno processo de ocupação urbana. Seu Zé trabalha com compra de peças de bicicletas e grades para residências, além de outras sucatas trazidas por coletores. Em sua oficina, que fica no pátio de sua casa, conheci parte de seus filhos e netos que vivem em contato direto com o modo de produção do pai/avô. A conversa rendeu bastante, percebi nele uma semelhança comum entre os demais serralheiros, que estabelecem relações ordinárias de concepção estrutural, utilizando resíduos, arcabouços sucateados da indústria. Uma prática de sobrevivência muito comum das zonas periféricas urbanas ou não, próprias do podemos chamar de uma *estética da existência*.

Uma relação direta com a seleção dos objetos em função de sua significação prática. As estruturas empurradas por trabalhadores autônomos carregadas de produtos ordenadamente agrupados, ficam expostas sobre o suporte móvel feito de peças de bicicletas e motocicletas, são compostas de produtos industrializados para comercialização de objetos de desejo; “andarilhos” aparentemente em deriva, co-

mumente chamados de “prestação”³ que trafegam a cidade na maestria própria de quem equilibra-se na corda bamba da vida.

Seguindo percurso pela capital do Amapá, fomos à busca de registros na Secretaria de Cultura do município e na Biblioteca Pública sobre as manifestações artísticas que, de alguma forma, envolveriam as produções dos afuaenses, principal foco da viagem, por estar tratando de uma manifestação cultural desta cidade e pelo fato de apresentarem entre si uma ligação geográfica muito aproximada.

Sem muita informação, achamos prudente viajar o mais breve para o Afuá. Ainda no porto da cidade, de dentro do barco, dava para observar os detalhes das *feituras* ali estacionadas; coisas como acabamento, improvisação de peças e materiais, combinações de cores e formas, *galiqueiras*, *traquinarias*, *gambiarras* compunham a produção e as funções de cada elemento na relação com o todo.

Após sairmos do porto, ainda sobre as águas do rio daquela região que divide os dois Estados, Pará e Amapá, outras estruturas móveis instigavam a imaginação, provocando novas ligações conceituais com o objeto da minha pesquisa. Visto que as *feituras*, sejam elas elaboradas para transitar na cidade ou sobre as águas, fazem parte de dinâmicas orgânicas próprias da sensibilidade humana, desenvolvidas e adaptadas por métodos intuitivos e improvisações. Neste caso me refiro às rabetas, embarcações de madeira com motor de poupa, reconhecidas como um dos principais meios de transporte das populações ribeirinhas.

Quanto mais adentrávamos as “bocas” dos rios, outra paisagem se mostrava predominante: açazeiros, anhingas, palafitas e casas suspensas surgindo entre as matas. Aqui e ali, serrarias e mais serrarias construíam montanhas de serragens com tons variados de marrom. Dentro do nosso barco, muita gente compunha um cenário bem comum por essa região. Deitadas em suas redes, criavam massas de cores espalhadas por toda sua extremidade, que amarradas às colunas de madeira da embarcação, seguiam o ritmo da maresia no balançar dos corpos suspensos.

Ao se aproximar da cidade, parecíamos estar delirando diante de tantas bikes, que tão logo se apresentaram comuns como os carros da cidade grande. Surgiam de toda parte: triciclos, quadriciclos, conhecidos como *bicitaxi*, carrinhos de empurrar e bicicleteiros por toda parte, indo de um lado para o outro.

Após nos alojarmos, demos início à caminhada, ficamos vislumbrados com a possibilidade de desdobramentos das *feituras* utilizadas como meio de transporte e vinculação de conteúdos em trânsito na

3 Vendedores ambulantes que comercializam produtos importados utilizando um sistema de crédito em boleto.



Feituras de lotação para transporte de mercadorias-Afuá, 2011.

cidade. Verdadeiras gambiarras tecnológicas criadas para suprir necessidades primárias para subsistência da família dos muitos anônimos que mostrando certo orgulho, pareciam nos convidar para experimentar. Desconhecendo os hábitos dos afuaenses, assim como a estrutura semi-urbana da cidade, iniciamos a caminhada pelos labirintos erguidos sobre o rio e logo nos perdemos intencionalmente. Fomos do centro conhecido como Entroncamento, por conta do fluxo comercial, até o bairro do Capim Marinho I e Capim Marinho II, para conhecer os caminhos por dentro da cidade. .

Após o primeiro dia observando e se adaptando aos hábitos locais, trocamos muitas ideias com a comunidade, várias reflexões passaram a ser esboçadas como, por exemplo, o poder da mídia na produção de bens de consumo⁴, facilmente encontrada em vários níveis de relações nesta cidade que na ausên-

4 A cultura-mercadoria se constitui no que Félix Guattari chamou de terceiro núcleo semântico onde se encontram todos os bens da cultura de massa como elemento fundamental da produção de subjetividade capitalística: “A cultura são todos os bens: todos os equipamentos (como as casas de cultura), todas as referências teóricas e ideológicas relativas a esse funcionamento, tudo que contribui para a produção de objetos semióticos (tais como livros e filmes), difundidos num mercado determinado de circulação monetária ou estatal” In. GUATTARI, Félix. ROLNIK, Suely. Micropolítica: cartografia do desejo. Petrópolis: Ed. Vozes, 2010. p.23.



Bairro do Capim Marinho I – Afuá, 2011.

cia de outros meios, criou os seus, afirmando assim suas individualidades diante dos insistentes apelos midiáticos. Mercadorias de desejo materializadas no que os afuaenses chamaram de *bicitaxi*⁵, podem ser consideradas nesta dimensão ordinária, como uma ramificação da cultura automotiva que se instalou no cotidiano dos indivíduos da cidade, pelo fato de apresentar um formato muito próximo dos automóveis disseminados pela indústria. A cidade possui uma variedade de *feituras* singulares: triciclos, quadriciclos e bicicletas dos mais variados formatos, indo de simples estruturas à estruturas complexas, como a *bicitrio* que possuía um sistema de som conectado a um notebook com alimentação de energia independente que partia de um gerador a base de diesel.

Dente os acontecimentos, uma pergunta ficou no ar: quem fabrica estas estruturas? Ao perguntar para a primeira pessoa que atravessou nosso caminho, logo o nome do fazedor surgiu. Conhecido como Baixote, o serralheiro que mora no Capim Marinho II, foi indicado para falar sobre esse modo de operar dos afuaenses.

Fomos então ao encontro do Baixote, estava em seu ambiente de trabalho em uma serralheria próxima ao antigo porto da cidade. Em meio às sucatas e

5 Termo utilizado para denominar as feituras utilizadas para lotação. Quadriciclos que substituem os automóveis (N.A)



Bicitrio. Afuá, 2011.

peças de embarcação, Baixote esmerilava uma peça no torno ao fundo do estabelecimento. Desviando das peças para não me machucar, me aproximei do fazedor sem dar alarde. Mostrando-se bastante receptivo, logo fizemos amizade. Iniciamos um “diálogo” informal para saber como ele elaborava suas estruturas, seu processo de *feitura* e concepção estrutural. Ele nos relatou sobre o modo de fazer ao pegar um projeto para desenvolver. Em suas próprias palavras:

“Pelo papel não tem medida de nada né?! Aí tu vai desenvolver tudinho né?! somente na mente. Aí vai cortando, fazendo. Adaptando o tamanho que é e que não é. Pra ficar toda adaptadinha, normal. Tem coisa que dá certo, e tem coisa que não dá, aí a cosia vai se desenrolando até dá... quando o cara não tem a peça né?! o cara vai pensando. Toda peça tem seu devido lugar. Tem que adaptar né?! Vai adaptando tudo. Corta uma aí não dá certo, aí vai atrás de outra...”

Sáímos então em direção a sua casa para ele me mostrar uma de suas obras, uma bicicleta feita com de ferro de uma cama tubular que faz o maior sucesso na cidade. A partir daí, outras produções foram surgindo; maneiras de fazer, pensar e lidar com as tecnologias pareciam bem frequentemente em uma cidade tão longe das grandes capitais do mundo.

Dentre as curiosidades, a que mais despertou atenção é a utilização de bicicletas como principal meio de transporte da população pelo fato da cidade ser erguida sob palafitas, motivo que impossibilita a tráfego de veículos automotivos em decorrência do peso que estas estruturas possuem. Uma resistência natural ao processo de ocupação das terras na Amazônia, que diferente de outras cidades que sofreram processo de aterramento das áreas de várzea para que o “desenvolvimento” se instalasse como Macapá e Belém. A cidade do Afuá apresenta um índice zero de morte por acidentes de trânsito.



Bicitáxi. Afuá, 2011.

cia em meio a Amazônia, que apesar de fazer parte do grande simulacro de representações, proporciona uma realidade lúdica onde crianças, jovens e adultos, podem transitar sem correr o risco de ser surpreendido por algum agente mal intencionado. Palafitas que constituem a “limitação” estrutural da cidade por não comportarem os produtos oferecidos pela indústria de consumo implantada no inconsciente coletivo. Limitação subvertida pelo potencial criativo que proporcionou sua superação, levando-os à readaptarem seus desejos, transformando as matérias de acordo com seus interesses, construindo seus próprios produtos “semelhantes” ao propagado pela mídia. Fato que não exclui a interesse particular e hierarquizante de alguns indivíduos que possuindo um rendimento mais confortável, podem diferenciar-se de outros indivíduos customizando, ou “apimentando” a seu gosto suas *feituas*.



Quadriciclo- Afuá, 2011.



Bicilância, Afuá, 2011.

Uma realidade urbana singular de resistên-

Coisa de Negro:

Resistência cultural

ICOARACI – BELÉM – PARÁ – BRASIL – 2012

CLEVER DOS SANTOS – LUIZINHO LINS – NEGO RAY

LUCIANE BESSA – NEY LIMA – GLEIDSON CARRERA

Luisinho Lins: Nesses 12 anos são mais de 500 domingos que a gente vem fazendo vivências do carimbó no Espaço Cultural Coisa de Negro. Onde as pessoas vão para dançar, e para quem tem um certo conhecimento de música, sobe no palco e toca também. Temos a pretensão de fazer com que a vivência da música regional paraense funcione, pois falamos do carimbó, mas não tocamos só o carimbó, tocamos o xote, o retumbão, o lundu, tudo quanto ritmo que seja regional...o banguê, samba de cacete... A gente não se fecha em uma coisa segregada de só tocar carimbó, só tocar lundu, tentamos fazer uma coisa que chamamos de “globalizar o regional e regionalizar o global”.

A gente começou a fazer que isso se tornasse parte do cotidiano, principalmente das pessoas que moram em Icoaraci, que começaram a participar das rodas regularmente. Por exemplo, o mestre Coutinho, quem conhecia o mestre Coutinho? Aqui, quem conhece o mestre Coutinho? Mas se eu chegar e cantar: *“eu tava na praia, na praia de Marudá, brincando com mariinha, quando vi pássaro voar, avoou avoou, passarinho do mar, avoou avoou...”* esse é o mestre Coutinho: *“areia areia areiê, areiê, areia areia areia, areiá”*. Quer dizer, um senhor que mora em Icoaraci, que está vivo, dança para caramba, e hoje está sendo conhecido, por ir para o espaço tocar aos domingos. E ainda tem uma nova geração que está tocando desde criança, que é o pessoal do Paramuru, um grupo de uma família, são todos filhos de um mesmo Senhor que toca carimbó já a muitos anos e agora tem um espaço pra tocar aqui em Belém. Antes os tocadores não tinham um espaço específico para as tocadass...

Clever dos Santos: Eu gostaria de falar um pouco do que é o início de tudo. Esse instrumento chamado curimbó, que vem da língua tupi CURI-N'-BÓ, que significa: pau-furado que faz som. Então ele é tocado dessa maneira: o tambor fica deitado, e a pessoa fica em cima montada, em cada localidade tem um sotaque diferente, um som diferente que esse tambor faz. Quem toca curimbó não toca porque aprendeu na academia, ou aprendeu numa apostila, num software que está disponível, aprendeu vivenciando, olhando, escutando e tocando. A única maneira que se tem

de aprender carimbó, é vivenciando. A transmissão que tinha até então, era única, através da oralidade. Então a partir daquele momento que pega-se aquele tambor e transforma em uma linguagem digital, tu pode disponibilizar também essas informações de maneira digital, então o nosso objetivo é fazer uma reutilização das mídias, principalmente fazer a documentação e registro, e repassar para todos esse dados, esses saberes, essas vivências. Carimbó não é apenas música, não é só ritmo, não é somente dança, mas é um coletivo, um conjunto de informações culturais, vivenciadas por cada localidade onde ele se encontra. Não existe um só toque de carimbó, ou seja não se toca e se dança carimbó de uma só maneira, cada localidade do Estado do Pará (que é gigantesco!), tem uma batida diferente.

Para nós foi uma abertura muito grande para gente estar aqui agora. Durante o FSM em 2009 nós fizemos contato com o Submidialogia, com várias cabeças ligadas a mídia tática e uma vontade particular, que reverberava lá coletivamente no Coisa de Negro. Até convidei o Ney pra gente fazer essa vivência lá, mostrar o carimbó, com esse pé de usar essa vanguarda tecnológica e aí criar uma outra linguagem, para que as pessoas pudessem ter acesso e que a gente pudesse documentar e registrar esse patrimônio imaterial. Nessa época, a gente já tinha acesso a nomenclatura do Iphan que é o registro e documentação do patrimônio imaterial, a campanha do carimbó já tinha deslanchado em 2005. Então, depois desse contato trocamos informações através das listas, e lá foi se ampliando o diálogo com essas novas linguagens, de fazer a própria mídia. Um ano depois o que era uma ideia concretizou-se com editais: o do BASA, quando a gente alavancou o primeiro festival de carimbó de Icoaraci, com essa perspectiva de mapear de dentro da campanha do carimbó; e do Min C, foi o prêmio de cultura popular Humberto Maracanã, dando suporte pra gente repensar e reestruturar o Espaço Cultural Coisa de Negro com essa finalidade: registro, documentação e acesso.

Luizinho Lins: Fomos contemplados também com o Carimbó.net, a Luciane escreve o projeto pra desenvolver esse trabalho lá no Coisa de Negro que eram oficinas de produção de música que pudessem

disponibilizar material virtual. Com o dinheiro deu pra comprar o notebook, a mesa do som e um projetor. Com a aquisição desse material acabamos desenvolvendo um estúdio para fazer gravação, e desse estúdio, começamos a fazer uma produção de conteúdo disponibilizando eles para as pessoas. A gente já tinha ideia de fazer uma rádio, então eu pesquisava algumas ferramentas na internet, também querendo transmitir a roda no Coisa de Negro ao vivo. Agora, neste último momento a gente conseguiu fazer pelo LIVESTREAM, basta ter uma conexão boa, a gente já transmitiu algumas rodas nesse processo! A primeira transmissão que a gente fez foi da oficina de banjo, no IAP - Instituto de Artes do Pará, e nessa brincadeira percebemos o interesse online pela oficina. Aos domingos nós fazemos a transmissão da roda, mas quando a conexão está muito baixa, acaba virando uma web rádio.

Clever dos Santos: O Carimbó.net é um projeto que foi financiado pela Fapespa e pela bolsa de pesquisa da Proex-UFPA com a finalidade de criar um blog, uma rádio web e disponibilizar acesso a uma biblioteca digital do carimbó, através de oficinas de capacitação e montagem do acervo digital do carimbó.

Ney Lima: Mas não do carimbó vivenciado dentro do Coisa de Negro.

Clever dos Santos: Do Carimbó em geral, tendo como ponto de partida o Coisa de Negro. O projeto ainda está em execução. O blog já existe, é o <http://projetoscoisasdenegro.blogspot.com.br/>. O que tem nele é a oficina de audiovisual, captação e edição de áudio em software livre e a radio web, assim como a web TV. Que a partir das ferramentas, notebook, webcam, modem e servidor, em pouco tempo a gente começou a transmitir, só que ainda temos o problema da conectividade, e ainda só uma webcam, o que limita a transmissão pra uma imagem de cada vez, e o áudio é ambiente.

Gleidson Carrera: Queremos melhorar.

Clever dos Santos: Então esse é o “plus” do Carimbó.net, que seria o isolamento acústico do espaço já que o barulho incomoda e pagamos multas por ele, então há a necessidade do isolamento acústico e a pontencialização da WebTV, com mais de uma câmera e melhor a qualidade de transmissão.

Luciane Bessa: Sobre o Carimbó.Net tu já falou bacana, eu queria mesmo falar um pouco sobre a relação do Coisa de Negro com a universidade, que começou por meio de eventos dentro de programações culturais. A gente começou a levar pros congressos estudantis o grupo de carimbó do espaço, isso começou a fomentar a pesquisa em torno do espaço, e já tiveram monografias na área de comunicação, turismo, além de artigos sobre gestão cultural, sobre

identidade, todos com o Coisa de Negro como objeto de pesquisa. Uma delas, a minha monografia sobre identidade relaciona com outras pesquisas que já foram feitas lá, como por exemplo a de um grupo de comunicação com um trabalho sobre a representação da identidade paraense, que perguntavam: qual é a música do Pará? E a maioria esmagadora respondeu, era carimbó. Mas aí se tu perguntas, tu vais no carimbó? Tu compras CD de carimbó? O que que tu conhece de carimbó? A pessoas não conhecem nada, ou seja, a identidade do Pará tá na merda, na lama, tá lá atrás jogada às traças.

O Coisa de Negro faz parte de um processo que não é só local, mas parte de um projeto mundial de revalorização das raízes, e que por meio de várias estratégias ele tem consigo repercussão, trevalorização dos antigos mestres e tudo mais. Também, traz um processo assim, a identidade da Amazônia, como um todo ela é considerada ultrapassada, porque as pessoas confundem tradição com ultrapassado, quando na verdade é continuidade, uma coisa antiga que continua. E aí no Coisa de Negro, tu podes ver o cara com uma guitarra em cima do palco intervindo na roda de carimbó... as coisas se transformam, a cultura é dinâmica. Então a gente tá vivendo a tradição, num contexto que hoje é mundializado, globalizado.

O contexto da globalização, da mundialização das mídias e tudo mais, acaba contribuindo para a revalorização das nossas raízes, no olhar para dentro de si, no olhar para o nosso passado, para nossa história. É interessante também ver que o tema do meu trabalho foi **Identidade e Resistência na Globalização**, que é parte do que o carimbó vem trazendo, do carimbó que é feito lá Coisa de Negro. Ele vem carregado de uma identidade de resistência, o próprio nome Espaço Cultural Coisa de Negro, se tu perguntares pro Nego Ray - que é o proprietário do local, ele diz – “eu coloquei esse nome mesmo, como um soco na cara do preconceito, é uma reação contra a discriminação da nossa cultura”.

Luizinho Lins: Nós criamos reuniões lá pra fazer essa conceituação do que estávamos fazendo, tinha todas essas frases que consideravam carimbó uma tradição, que não podia ser modificado... Quando na verdade é uma coisa onde o passado vai se renovando, que cada um ali tá vivenciando. Foi em reunião que a gente começou a refletir os conceitos baseados no copyleft, creative commons, economia criativa, e sobre a própria origem afro-brasileira, pra gente definir o que é o Coisa de Negro hoje, para as pessoas chegarem e se identificarem com os discursos, uma coisa afinada com o que é a realidade do espaço sem inventar ou querer adicionar coisas que não somos.

Luciane Bessa: o primeiro título do meu trabalho é: *Dançar carimbó é um ato político*, porque eu via ali





Curimbó do grupo de carimbó Paramuru / Belém - Pa

Web-tv Coisa de Negro

uma identidade política, uma identidade de resistência, formada muito pela história. Quando a gente diz quem a gente é, a gente tá assumido a história de um povo e a dança do carimbó traz a história do afro e indígena. O carimbó é representativo - lá dentro do Coisa de Negro, ele é representante dessas histórias de lutas e de resistências.

Outro ponto é sobre a economia da cultura, mais baseada na economia solidária e na economia criativa. O que eu vi aqui das experiências, reforçam a ideia de que a cultura está se organizando em torno da economia solidária que é mais essa produção colaborativa e a autogestão. Lá no Coisa de Negro estamos fazendo shows, cobrando ingresso, buscando formas de resistência econômica por meio da colaboração. Então, a economia da cultura está crescendo, o termo indústria cultural está cada vez menos sendo pesquisado dentro da universidade, e está cada vez mais aparecendo o termo Economia da Cultura. A gente tá precisando se ligar que a gente faz economia solidária para assim poder acessar as políticas públicas relacionadas.

CONHECIMENTO TRANSVERSAL

Luisinho Lins: Por ser música regional, tocada com instrumento rústico, os caras acham que não precisam ter pesquisa, um bom tratamento e uma boa qualidade de som. Isso foi uma das coisas que a gente começou a se questionar: Por que o carimbó não pode ter esse mesmo tratamento? Por que os grupos regionais não podem ter essa preocupação de fazer pesquisa e registro? Foi aí que a gente passou a fazer um trabalho de pesquisa sobre o banjo, um instrumento que existia nos relatos há mais de 200 anos, mas que estava desaparecendo da cena. Então, fomos rever e estudar esse instrumento, de alguma maneira melhorá-lo e depois desenvolver oficinas.

Clever dos Santos: Esse banjo aí foi feito pelo Ney Lima pela necessidade de tocar e de ter o instrumento. Andando na rua ele viu um pedaço de madeira e enxergou um banjo. Se você observar ele é todo lata, uma pele de tamborim foi doada, e o resto é tudo resíduo... foi corda de pesca, o captador também foi

doado, uma sucata, o braço também foi feito manualmente, os traços, então esse é um objeto sonoro metareciclado, que foi feito na cidade, mas com uma conotação lá do rural, do pau que é utilizado para fazer o carimbó. Esse é um exemplo bem clássico, bem claro, do que a gente está falando aqui em termo de reciclagem, de reutilização de resíduos sólidos e metareciclagem. E não podemos deixar de falar que temos o Neco Ray, que é o responsável por essa parte de instrumentos, e a partir dos ensinamentos dele, o Ney começou também a produzir os próprios instrumentos.

Gleidson Carrera: Tem o seu Lourival também.

Clever dos Santos: O Seu Lourival Igarapé é um cara que faz também instrumentos. O Ronaldo Farias é outro.

Ney Lima: Uma informação, o Seu Lourival é militante da cultura popular. O que eu achei interessante quando eu cheguei lá na casa dele foi ver uma muda de cuieira, que ele plantou, que cresceu, agora está bem frondosa. Ele está usando as cuias de lá para fazer maracas, com sons incríveis...a do Gleidson é uma delas. Então, para mim isso aí, ele sentiu a necessidade de ter esse material para poder produzir e plantou.

Gleidson Carrera: Ele plantou na casa dele, no fundo do quintal, para poder depois desfrutar.

Ney Lima: Ele já deve ter, pelo menos, uns 8 pares de maracas. E maracas boas... ele chegou com o Ray, e disse: - "olha, fiz essa!". Quando ele ouviu, respondeu: "eu vou ficar com essa aqui!" E justamente essa questão, a do repasse de informação, na oralidade: Seu Lourival usa para desbastar a cuia um instrumento que é meio difícil usarem agora, chamado grossa. É como se fosse um ralador, só que esticado, mais ou menos, como se fosse uma chave de fenda, só que achatada e com estrias. é ele que cava os curimbós do Ray.

Pois é, então ele usa isso, e vai desbastando, balançando até encontrar a diferenciação do som das duas maracas, e principalmente da intensidade do som de cada uma, por conta dessa desbastação já que é muito grossa a cuia.

SID

Banjo do Ney

Ferramentas

Serrote
Furadeira
Formão
Chave de Fenda

Pedaço de Pinho

Atarracha de
um Violão Novo

Pestana
de Osso

1/2 metro de Traste

Linha de Pesca depois
Corda de Violão

1 metro de Pernamanga
achada no rio

Durepox

Pedaço de Jaqueira
20x20cm

Prato de
Inox
de pinto
beber água

Parafuso

Tamborim de
Escola de Samba

Cavalete
de Osso

Captador
de Contato

Pedaço de dentro
da Televisão

Coletivo Puraqué

ativismo de base

ITIC¹ – UMA FERRAMENTA DE INCLUSÃO SOCIAL

MARIE ELLEN SLUIS²

1 Tecnologias da Informação e Comunicação

2 Este artigo pertence a um capítulo da tese Ellen: *Amazonian Geeks and Social Activism: An ethnographic study on the appropriation of ICTs in the Brazilian Amazon*.

A gambiarra tem sido um elemento fundamental nas inúmeras iniciativas de ativismo de base que emergiram em todo o Brasil. Essas iniciativas buscam a apropriação do “faça-vc-mesmx” e da baixa tecnologia à realidade espacial local, buscando uma alternativa aos projetos de inclusão digital de cima-para-baixo – que ocorrem com frequência no setor público e privado – de uma forma que busque criar uma autonomia dentro do atual modelo capitalista desigual. Em Santarém, Puraqué é um coletivo de ativistas sociais que espalham a ideologia na região, buscando engajamento social e emancipação por meio de um conhecimento coletivo crescente. Como brasileiros inovadores, eles procuram uma forma de sustentabilidade baseada na geração de riqueza e por meio do conhecimento sobre a realidade cotidiana e local (exploração, violência, drogas, sexo e desemprego) das pessoas¹.

HISTÓRIA

Aproximadamente oito anos atrás, Jader e Tarcísio fundaram o Puraqué, na vizinhança de Mapirí, em uma época em que aquela era uma das piores vizinhanças da cidade. Muitos adolescentes estavam envolvidos em gangues, tráfico de drogas e violência extrema nas ruas, causando mortes. Ambos vieram de famílias que sempre haviam se envolvido em movimentos sociais. Dona Alice, mãe de Tarcísio, considera a si mesma uma feminista e o pai e a mãe de Jader sempre foram membros do movimento social local. Tarcísio também me contou que, quando eram adolescentes, eles já tinham criado um grupo de amigos chamado Gaepa (Grupo de Amigos Estudando para Agir) com o objetivo de lutar contra os crimes ambientais. Por exemplo, criaram uma campanha contra os pescadores que usavam bombas na água para matar grandes quantidades de peixe, mas

simultaneamente matando vegetação e outros animais. Quando cresceram, eles se distanciaram. Alguns foram para a universidade em outras cidades, outros casaram ou decidiram que tinham que arrumar um emprego e renda. Jader, por exemplo, começou uma gráfica. No entanto, por conflitos internos com seu companheiro, ele decidiu deixá-la. Oito anos depois da separação dos jovens ativistas, Jader reencontra Tarcísio, que já estava desapontado com o setor corporativo. Ambos se conscientizam da importância de um tipo de projeto social que envolvesse tecnologia e que pudesse melhorar a situação terrível da vizinhança. Desde então, eles estão determinados a continuar trabalhando na mesma direção.

Desde sua primeira base em Mapirí, os puraquean@s² têm se movido pela cidade, trabalhando em uma série de vizinhanças à procura de um projeto que promova coesão social. Em Mapirí, por exemplo, suas atividades tiveram um significativo impacto na situação do bairro. Tarcísio me disse que, naquela época, Mapirí era considerado o bairro mais perigoso, com alto índice de criminalidade e pobreza. Naturalmente, isso era a principal razão para começar o projeto justo ali, com o propósito de ocupar os jovens criminosos por meio de cursos e oficinas de informática e provê-los com um espaço alternativo à rua. No primeiro ano, o espaço alternativo foi uma pequena garagem em uma casa de seus pais. Usaram dois computadores velhos para realizar suas primeiras oficinas. Para juntar os estudantes, eles se aproximaram dos líderes das gangues mais perigosas e os convenceram a assistir às aulas e frequentar o projeto. Rogerio, um ex-puraquean@, me disse: “Surpreendentemente, esses caras, até quando eram de outras gangues, realmente se respeitavam dentro do projeto. Enquanto eles podiam se matar fora do prédio, ali dentro eles colaboravam. E eram da mesma sala!”. O objetivo principal do Puraqué era

1 Gama, J. “PURAQUÉ: Uma história do futuro do software livre na Amazônia”. Retirado de http://puraque.comumlab.org/?page_id=2 em 07/08/2010 e Lima, P. “Santarém terá Pontão de Cultura Digital”, Retirado de <http://pontaotapajos.redemocoronga.org.br/2009/03/18/pontao-de-cultura-digital-do-tapajos/> em 07/08/2010

2 Eles escrevem puraquean@s, ao invés de puraqueanos ou puraqueanas, ao se referir a homens e mulheres, respectivamente, porque não querem distinguir entre participantes masculinos ou femininos. Todos são considerados iguais.



Rádio e conectividade da Casa Puraqué

oferecer um espaço alternativo para esses jovens, já que normalmente não tinham nenhum outro lugar para ir. Infelizmente, nas primeiras semanas, uma tensão crescente entre duas gangues levou ao assassinato de um homem por três pessoas de uma das gangues. Como resultado, esses três foram sentenciados à prisão até hoje e deixaram o Puraqué. Isso joga luz na situação daquela vizinhança, que ainda é realidade em muitas outras.

Tarcísio me contou uma história da participação de um menino num jornal mensal, à época de um dos cursos. Para uma das edições, ele escreveu sobre sua situação em casa: ele escreveu como percebia o álcool arruinando sua família e prometeu nunca provar de uma garrafa de álcool. Ele desenhou uma garrafa de Cachaça 51 com uma cruz vermelha grande sobre ela. Como as crianças dependem de seus pais e, normalmente, os tomam como exemplos, é muito difícil achar um caminho para fora da miséria. Mesmo que a criança odiasse o comportamento de seu pai naquele momento, se a ele faltasse uma forma de se manter, ter esperança ou confiança para viver independentemente, ele muito provavelmente terminaria da mesma forma.

No Puraqué, ele achou um espaço para refletir sobre seus problemas e expressar seus sentimentos sobre seus pais, sem sentir a opressão deles.

Em Mapirí, a vida mudou significativamente. Durante minha estadia em Santarém, eu vivi em Mapirí e, mesmo que permaneça uma vizinhança simples, a vida nas ruas é relativamente calma e pacífica. A vizinhança de Dona Alice, a senhora que me recebeu, sabia da gringa que estava visitando Santarém. Até à noite, as pessoas sentavam às portas de suas casas, curtindo a brisa fresca, e normalmente tinham breves conversas comigo. Nada parecia apontar à atmosfera violenta e agressiva que era tão preponderante uns dois anos atrás.

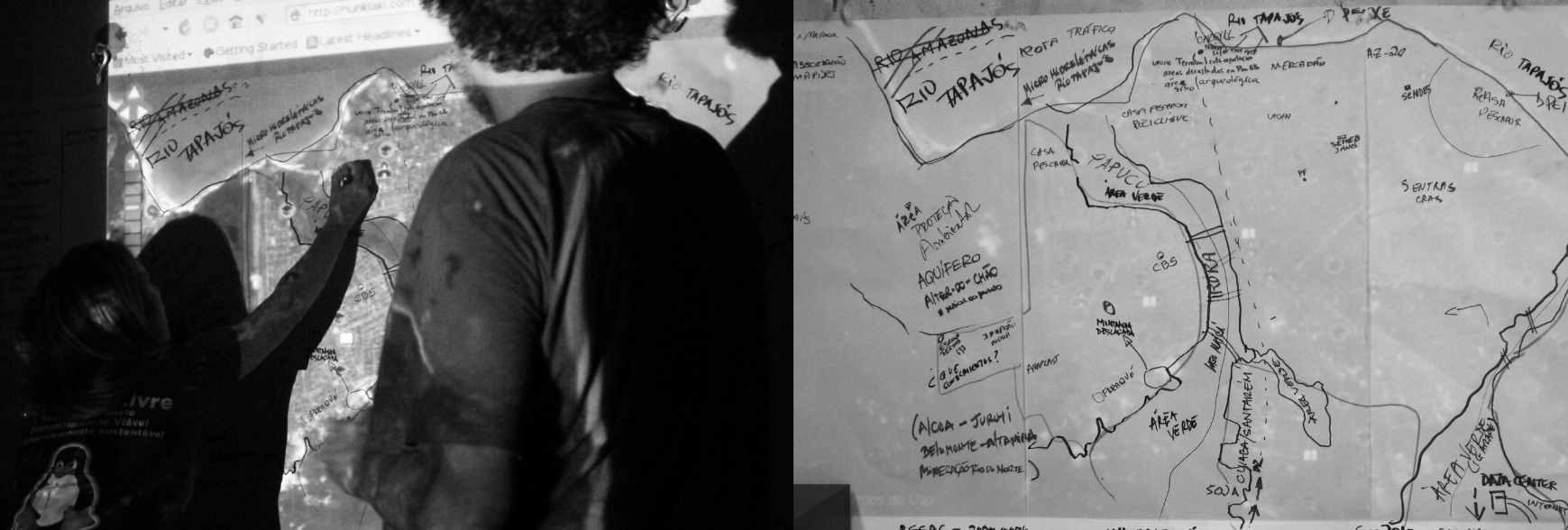
Para atender uma área maior, eles operavam em bairros diferentes. Quando as coisas melhoraram em Mapirí, eles foram para outras áreas. Recentemente, deslocaram-se para uma periferia bem

distante, chamada Santo Amaro, onde as atividades começarão em breve. Hoje, Santo Amaro também é uma vizinhança muito pobre. Quando eles ainda estavam construindo sua nova base, os moradores locais estavam curiosos, quase suspeitos. Normalmente toma um tempo até que os locais aceitem o projeto e comecem a participar das atividades. Além dos cursos em suas bases, eles dão oficinas em associações vizinhas ou em escolas do município e viajam para disseminar a cultura digital - por meio da implementação de Telecentros - e formar monitores em diversas comunidades fora da área urbana. Assim, eles operam simultaneamente em sua localidade e na região.

ATIVIDADES E ESTRUTURA

A base do Puraqué é onde eles realizam suas atividades regulares. Durante minha estadia, eles ainda estavam construindo sua nova base em Santo Amaro. Tinham recém comprado uma casa branca, de tamanho mediano, com três quartos e uma pequena cozinha; é cercada de um terreno grande, com uma variedade de plantas e árvores. Os três quartos da casa servirão, respectivamente, de auditório, de estúdio multimídia e de quarto para possíveis visitantes. Notavelmente, o quarto e o fato de ter uma cozinha demonstra o caráter acolhedor e caseiro do projeto. Qualquer um é bem-vindo. A cozinha é usada para o almoço e, especialmente, para o preparo de lanches para os participantes. A grande garagem à direita da casa servirá como um laboratório de computadores, que será equipado com mais de vinte máquinas. No amplo jardim, um mastro para uma antena de 15 metros estava sendo instalado para receber o sinal de internet. Estavam ainda construindo uma oca³ de 30 m², que eles usarão para atividades particulares, oficinas e outros eventos. Cada parede, dentro e fora da casa, foi grafitada, variando da palavra puraqué, na frente, a verdadeiros trabalhos de arte e um enorme e assustador peixe poraquê nas paredes de dentro da casa.





construção de mapas na imersiva Hacklab Santarém

Em sua base, usualmente ocorrem inúmeras atividades. São diversos cursos de três meses, entre eles: básico de informática; informática avançada; áudio; vídeo; multimídia; uso de blogs e internet; e metareciclagem. Cada curso dura de 25 a 30 aulas, de uma hora e meia ou duas horas cada, e, depois de três meses, os participantes recebem um certificado.

As pessoas podem fazer quantos cursos desejarem, contanto que se inscrevam. Uma vez que um curso está com turma completa, só é possível participar da próxima, três meses depois. Durante as horas livres dos cursos, as pessoas são sempre bem-vindas no laboratório, para ajudá-los em suas atividades e oficinas, ou para ganhar responsabilidades, como voluntários.

Quando um participante é capaz de ensinar em um curso, ele vai fazer isso, ou pelo menos ajudar, paralelo ao curso em que está inserido no momento. A uma jovem mulher chamada Biene, por exemplo, já lhe foi permitido que ensine a metareciclagem e ela mesma assume a função do professor usual, caso ele não possa ir; ao mesmo tempo, ela participa das aulas de informática avançada.

As pessoas são encorajadas a desenvolver múltiplas habilidades, no sentido de manter uma estrutura horizontal. Assim, as pessoas são tanto professoras quanto alunas e não há um “professor principal”, com poder decisivo absoluto. Dessa forma, como projeto, eles não dependem exclusivamente de uma pessoa só e todos têm chance de desenvolver um conhecimento mais amplo, já que eles sabem um pouquinho sobre muitas coisas.

A participação no Puraqué é totalmente voluntária. O grupo central, que sempre varia, consiste de pessoas que mantêm uma renda em outro lugar e gastam seu tempo livre no Puraqué. Jader trabalha no Ministério da Cultura como “consultor de cultura digital” e, simultaneamente, participa em diversas atividades quando está em Santarém. Marcelo, que é outro membro central, por dois anos agora, é

contratado da Secretaria de Educação do município, para manter os computadores reciclados nos laboratórios das escolas públicas. Assim, eles combinam as atividades do Puraqué por meio de trabalhos que correspondem a essas atividades ou que eles possam aplicar ou combiná-las.

METODOLOGIA PURAQUEANA

Valendo-se de um discurso mais profundo sobre as TICs, Puraqué tende a ir além dos seus princípios básicos de uso. No lugar disso, eles focam nos assuntos sócio-políticos que estão relacionados às TICs e à sociedade atual - como o capitalismo, o consumismo e os assuntos ambientais -, tendendo a usar as TICs de forma a pensar alternativas. O ponto de partida é a ideia da gambiarra; no lugar de consumir cegamente tudo o que é produzido no mundo ocidental, eles focam no que está ao redor deles, nas ruas, ou no para quê eles podem usar aquilo⁴. Uma vez criaram antenas de internet usando latas de óleo, por exemplo. E em diversas cidades e vilas, foram construídos transmissores de rádio FM a partir de velhos componentes e peças de uma fonte de PC. Assim eles demonstram que não somente não dependem do Ocidente ou do mercado capitalista ou de recursos financeiros, mas que podem criar alternativas sustentáveis. Essas atividades demonstram às pessoas como prover acesso às TICs de uma forma alternativa e, simultaneamente, encorajar os indivíduos a, coletivamente, usar esse conhecimento para transformar uma região que está sujeita à exploração em outra, na qual o desenvolvimento de tecnologias digitais possa ser sua principal característica.

Atualmente, as atividades se tornaram razoavelmente organizadas e vão além da gambiarra. Suas atividades não são mais ações táticas e efêmeras

4 ROSAS, R. "The Gambiarra: Consideration on a Recombinatory Technology", in Boler, M., (ed) *Digital Media and Democracy. Tactics in Hard Times*. Massachusetts Institute of Technology, 2008



As pessoas são encorajadas a desenvolver múltiplas habilidades.

para se opor às estruturas e iniciativas público-privadas. As atividades informais se transformaram em cursos organizados e com uma metodologia didática, que estimula a colaboração, a solidariedade e o pensamento crítico. Assim, eles se opõem ao modelo educacional paternalista tradicional, que notoriamente funciona a serviço do sistema capitalista⁵. Dessa forma, eles não focam em prover acesso às TICs como um fim e, sim, em usá-las como uma ferramenta de um tipo de melhoramento social, buscando a autonomia e o desenvolvimento sustentável.

Acompanhando suas atividades, pude reconhecer quatro elementos de sua metodologia, consistindo em metareciclagem, uso de lixo eletrônico, Floss⁶ (software livre e de código aberto) e pensamento crítico; juntos, formam um discurso sócio-político que envolve todo o Puraqué.

A INTERNET PARA O PENSAMENTO CRÍTICO

Finalmente, e crucial para a sua metodologia, Puraqué busca aumentar o conhecimento crítico dos participantes. Os puraquean@s argumentam que o conhecimento é o que falta na região a fim de desenvolvê-la de uma forma igualitária e sustentável, sendo que as TICs podem servir como uma ferramenta para obter esse conhecimento. Portanto, eles não meramente focam em acessar, usar e entender as TICs, eles também mergulham o discurso em uma série de atividades extras. Por exemplo, eles organizam muitos projetos e eventos em que essas questões são dis-

cutidas. Teve lugar aqui a 1ª Feira de Conhecimentos Livres nos Bairros com a presença de centenas de pessoas. E elas não eram somente participantes do projeto, mas pessoas dos setores público e privado, que estavam interessadas nas ideias do Floss, da reciclagem (de código-aberto) de hardware e projetos colaborativos. Também organizaram debates e eventos sobre tópicos sócio-políticos e noites de cineclube (assistir filmes de arte da casa e discuti-los depois).

Eles também implementaram esse discurso através dos cursos. Assisti a diversas aulas em que os estudantes desenham um *flyer* sobre os perigos ambientais. Um grupo fez um *flyer* sobre o desmatamento. Eles tinham que acessar a internet para retirar informação relevante sobre o tópico que eles queriam escrever. Depois de visitar alguns sites relevantes, eles copiavam-e-colavam partes de textos e reescreviam outras partes para informar sobre as consequências ambientais e sociais do desmatamento. Também procuravam por imagens que editavam no Gimp (programa de manipulação de imagens GNU). Consequentemente, eles importavam tanto o texto quanto a imagem para o Inkscape (editor gráfico), para terminar o desenho do *flyer*. Como é uma tarefa de grupo, os estudantes interagem uns com os outros, trocam opiniões e discutem a informação. Assim, de forma colaborativa, aumentam seu conhecimento tanto em conteúdo quanto em forma. Problemas ocorrem, por exemplo, com certas imagens que querem usar, mas que parte do texto dessa imagem não corresponde ao conteúdo do texto. Quando discutem isso e comparam com a imagem em particular, eles se engajam profundamente com o tópico da classe. Como encorajam os participantes a usar a internet como recurso para adquirir informação sobre tópicos sócio-políticos, os estudantes aprendem como usar outras funcionalidades da internet. Isso é importante, já que um dos objetivos do Puraqué é obter conhecimento e desenvolver habilidades de pensamento crítico, mais que meramente usá-la para redes sociais e consumo.

⁵ KUCUKAYDIN, I, and TISDELL, E. "the discourse on the digital divide: are we being co-opted?", in: *InterActions: UCLA Journal of Education and Information studies*. Vol. 4, (1), 2008.

⁶ Como a diferença entre os movimentos "Software Livre" e "Código Aberto" está apenas na argumentação em prol dos mesmos *softwares*, é comum que esses grupos se unam em diversas situações ou que sejam citados de uma forma agregadora através da sigla "FLOSS" (Free/Libre and Open Source Software).



A Moeda Muiraquitã - Coletivo Puraqué
confeccionada artesanalmente com barro, mas seu principal valor está no objetivo de sua utilização, como troca ou bônus que pode promover a educação ambiental ao mesmo tempo em que abre portas para novos conhecimentos no mundo da cultura digital.

#Redes Locais e Autonomia

MUIRAQUITÃ

De acordo com sua ideologia de desenvolvimento sustentável e autonomia, eles desenvolveram um sistema alternativo de pagamento para a participação nos cursos. Em Santarém, o lixo é um problema sério. Nunca vi tantos urubus – uma ave-de-rapina da família do Condor, cuja dieta é composta de carcaças, matéria de plantas mortas e lixo – nas ruas urbanas. Puraqué reconheceu a importância de criar consciência sobre essa questão, além de achar uma solução sustentável para esse problema. Também querem que o curso seja acessível a todos. Eles não queriam cobrar dinheiro pela participação. Então decidiram criar uma moeda social específica, chamada Muraquitã⁷, que simultaneamente provê uma solução para o problema do lixo da cidade. O Muraquitã equivale a vinte garrafas PET. Espera-se que os participantes tragam uma quantidade suficiente de garrafas PET para pagar pelo curso (um curso de três meses custará por volta de 30 muraquitãs) e o Puraqué vende⁸ o plástico para um reciclador de plástico. Assim, o lixo plástico nas ruas diminuirá, as pessoas tomarão consciência do problema do lixo e todos poderão participar dos cursos. Eles estão tentando disseminar a moeda pela cidade, mais ainda poucos lugares estão realmente dispostos a reconhecer a moeda como uma forma de pagamento.

7 Muraquitã (do tupi mbiraki'tã, "nó das árvores", nó das madeiras", de muyrá ou mbyra, "árvore", "pau", "madeira" e quitã, "nó", "verruga", "objeto de forma arredondada"), para os índios brasileiros do Baixo Amazonas, é um artefato talhado em pedra (na maior parte das vezes feito a partir do jade, pela cor esverdeada) ou madeira, representando pessoas ou animais (uma rã, peixe, tartaruga, por exemplo), ao qual são atribuídas as qualidades sobrenaturais de amuleto. Também é conhecido pelos nomes de pedra-das-amazonas e pedra-verde.

8 Para cada quilo de garrafas PET (que equivale a 20 garrafas) eles ganham um real. Em média, custa a eles 33 centavos para criar a moeda e eles têm que cortar e prensar manualmente cada garrafa. Assim, eles não têm nenhum lucro significativo nesse processo.

Quando o primeiro passo é criar um conhecimento técnico profundo das TICs para estimular um engajamento social e autonomia, eles eventualmente buscam aumentar o conhecimento crítico como um recurso valioso na região. Ao contaminar e educar os outros, esse conhecimento crescerá exponencialmente. Como os puraquean@s são ativistas, sua ideologia de fato é o seu bastão principal no processo de inclusão digital. Eles lutam contra o capitalismo que explora a região, destrói o meio-ambiente e causa pobreza. De acordo com as teorias presentes no “capitalismo digital olhando para o Sul” e “capitalismo informacional” introduzido no capítulo 2, eles são cautelosos com o setor privado e tendem a criar autonomia através de tecnologias de código aberto (hardware e software). Eles querem que as pessoas tomem consciência disso e, de forma colaborativa, trabalhem nessa alternativa ao modelo existente, aumentando o conhecimento colaborativo e usando isso para pensar e criar alternativas sustentáveis. Isso também inclui uma forma de participação ativa, em que os usuários são capazes de produzir conteúdo ou, criticamente, analisar informação, ao invés de ser um consumidor passivo. O mais importante, no entanto, é socialmente elevar o indivíduo, partindo da ideia de que o usuário pode decidir o que é benéfico para ele sem implicar com isso certas regras ou ideias⁹.

9 Veja em: BUZATO, M., "Inclusão digital como invenção do cotidiano: um estudo de caso". IN: Rev. Bras. Educ. [online], vol.13, (38), 2008, pp.325-342. Fonte: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782008000200010&lng=pt&nrm=iso em 11/12/2009. Ele mostra uma série de exemplos concretos de um colaborador de Telecentro que tem uma determinada visão sobre como “incluir” um usuário e como ensiná-lo, desde a perspectiva de um “já incluído”. O usuário, de outro lado, muitas vezes usa a tecnologia de uma forma diferente, que diretamente beneficia suas necessidades.



Rede de Cineclubes

COMUNIDADES TRADICIONAIS DE TERREIROS DÃO O EXEMPLO.

*Arthur Leandro, Francisco Weyl,
Isabela do Lago, Rodrigo Barros*

(Gt de Comunidades Tradicionais da PARACINE)



II Diálogos Cineclubistas - Construindo
a Jornada Paraense de Cineclubes
(MANSU NAGENTU - Marco da Légua - Belém)

A primeira experiência com projeção de filmes no Mansu Nangetu aconteceu em 2005. Arthur Leandro voltava a morar em Belém depois de uma longa temporada residindo em outras cidades, trouxe em sua bagagem dois rolos de filmes de 16mm que conseguiu quando comprou móveis para a mobília de sua residência temporária para cursar doutorado. Fez as compras de um ferro velho na periferia da cidade do Rio de Janeiro, os móveis eram de um leilão de alienação do Centro Técnico do Audiovisual/CTAV - MinC, e nas gavetas veio o brinde de duas películas: “Egungun” e “Mito e metamorfoses das mãos Nagô” (Iya-Mi-Agbá - Arte sacra negra II), ambos produzidos pela Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil – SECNEB, em parceria com o CTAV, e a descoberta dos “brindes” foi considerada uma benção.

Em dezembro de 2005, quando já residia novamente na capital paraense, organizou um evento cultural para exibir essas relíquias audiovisuais para a comunidade afro-religiosa da zona metropolitana de Belém, pediu um projetor emprestado para a Fundação Curro Velho – FCV, e com a colaboração do funcionário da instituição, Eduardo Kaliff, e com a divulgação feita na base do boca-a-boca projetou o filme nas paredes brancas do terreiro para um público de seis pessoas. Quando do acender das luzes ao final do filme, um intenso debate espontâneo tomou conta dos presentes, com o mote da necessidade da comunidade afro-religiosa ter acesso e poder conhecer a produção audiovisual brasileira que tem como assunto e argumento a cultura religiosa de matriz africana no Brasil.

Essa projeção em parceria com a FCV foi o embrião para o Cineclube Nangetu. Foi a conversa depois do filme que despertou os membros do ter-

reiro para a potência do cinema para colocar em questão assuntos relacionados com a cidadania afro-brasileira, e no ano seguinte repetiram timidamente a mesma experiência com os dois filmes, pois sempre havia alguém cobrando de nós uma nova projeção, mas nem sempre o equipamento da Fundação estava disponível.

Mais ou menos no mesmo período que a atuação da rede [aparelho]-: ganha força pelas ruas da cidade, e da parceria que se formou entre as duas organizações o Cineclube pode ter acesso a mídias digitais e acervo de filmes disponíveis na internet e, com isso, manter maior regularidade em suas atividades.

E assim, entre parcerias solidárias e colaborações dos membros da comunidade do Mansu que o Cineclube Nangetu mantém a regularidade de sessões de cinema no terreiro, colocando em discussão problemas sociais e abordando temas difíceis para a sociedade brasileira como o racismo e a intolerância religiosa.

Ano após ano a ação foi ganhando força e os impactos que causou contribuiu para a formação da Rede de Cineclubes nos Terreiros da zona metropolitana de Belém, uma proposição para o GT de Povos e Comunidades Tradicionais da Federação Paraense de Cineclubes/ PARACINE, da qual fazem parte: Cineclube Nangetu, Cineclube ti Bamburucema, Cineclube ACIYOMI, Cineclube ACAA, Cineclube Maristrela (AFAIA), Cineclube Estrela Guia Aldeia de Tupynambá, Cineclube do Turco Jaguarema, Cineclube da ARCAXA, Cineclube da Irmandade de São Benedito, FEUCABEP, Cineclube do Turco Ricardinho.

A comunidade afro-religiosa da zona metropolitana de Belém é bastante heterogênea e agrega pessoas oriundas de outras cidades, de



Sessão no Cineclub MarEstrela
(Conj. Maguary - Icoaracy - Belém)



Sessão no Cineclub ACAA
(Canudos - Belém)

diversos bairros de Belém e de distintas classes sociais. Entretanto, na grande maioria são pessoas que vivem num universo de exclusão social e cultural, e que sobrevivem de prestação de serviços domésticos [faxina e cozinha], na base da pirâmide da hierarquia de produção: agentes de serviços gerais [motorista, faxineiro, vigia, segurança e outras atividades], ou usam suas habilidades para inserir produtos no mercado informal, principalmente na oferta de quitutes em bancas e tabuleiros ambulantes. Nesse universo, o acesso aos bens culturais também é deficiente: é um público que não frequenta exposições, nem teatros e tampouco o circuito comercial de cinema, pois não tem recursos financeiros para tal, e que consome produtos culturais basicamente através da circulação promovida pela indústria da pirataria.

A ausência de equipamentos culturais nos bairros periféricos e nas demais cidades da zona metropolitana acentua a exclusão cultural e, falando especificamente de cinema, a situação se agrava com a extinção dos cinemas de bairro em razão do circuito 'moviecom' - contexto aparentemente inevitável que afastou ainda mais essa parcela da população das salas de exibição públicas.

As atividades cineclubistas que desenvolvemos tem incentivado a comunidade para a produção de seus próprios filmes - mesmo que não tenhamos realizado oficinas específicas de formação em audiovisual, imaginamos que com o acesso frequente principalmente aos documentários exibidos, aliado à popularização de equipamentos portáteis como câmeras fotográficas e celulares com recursos de mídia, foram fatores determinantes para a circulação na internet de registros e documentação das atividades e das histórias de personagens da comunidade. Assim, as ações cineclubistas realizadas pela rede de

cineclubes nos terreiros, atendem tanto as demandas de bairros desprovidos de salas de cinema quanto de comunidades historicamente excluídas de todo o sistema produtivo brasileiro.

Apresentamos prioritariamente filmes com a temática afro-brasileira, e com isso valorizamos a afro-brasilidade assim como a comunidade afro-religiosa. São documentários sobre as relações com o continente de origem, sobre personalidades afro-brasileiras, sobre a visão preconceituosa que a cristandade tem da afro-religiosidade, sobre a música, até documentários sobre a cosmologia afro-amazônica e sobre o cotidiano dos terreiros. Também tem filmes que tratam da construção da imagem do negro e da religiosidade afro-brasileira na nossa sociedade, abordagens da condição socioeconômica, moradia, violência e resistência política e cultural. Mas também trazemos temas de cidadania, como a discussão da condição feminina, temas de meio ambiente e outros. Em cada exibição propomos uma roda de conversas com membros das comunidades e/ou com outros convidados para discutir os assuntos tratados nos filmes.

A rede tem utilizado o calendário festivo e ritualístico dos terreiros como estratégia para a realização de exibições. Nos dias festivos encaixamos a exibição ou antes ou depois da festividade, como um atrativo a mais para os convidados. Por vezes há rituais que exigem a presença de sacerdotes por dias seguidos no Terreiro, temos usado os intervalos de tempo de folga desses dias de rituais internos para o cineclubes, como uma alternativa de lazer e de convivência lúdica da comunidade.

O importante dessa rede é registrar que de uma formiguinha já se formou um formigueiro.

